

# MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS: DE BERTIOGA A BEIJING<sup>1</sup>

MATILDE RIBEIRO

***Mulheres de todas as raças, culturas e cores construímos uma outra história***<sup>2</sup>

O lema o motor para incansáveis investidas ousadas e movimentações das mulheres negras poderia ser *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*. A frase em epígrafe faz um atento chamado a todas as mulheres para a construção de uma outra história e traz implícitas críticas parecidas com as construídas pelas mulheres negras brasileiras em relação a forma secundarizada com que o caráter de sua opressão e organização foi tratado pelos movimentos negro e feminista nas últimas décadas.

Resguardadas as particularidades os movimentos feminista e negro ressurgem no Brasil em meados dos anos 70 em plena ditadura militar tendo como eixos básicos a luta pela democracia a extinção das desigualdades sociais e a conquista da cidadania. Porém em ambos os movimentos as mulheres negras aparecem como sujeitos implícitos partiu-se de uma suposta igualdade entre as mulheres, assim como não foi considerado entre os negros as diferenças entre homens e mulheres. De um lado enfatizou-se a ideia de 'diferentes mas não desiguais' de outro lado durante muito tempo não foi considerada a diversidade no interior desses movimentos.

As mulheres negras participantes desses dois movimentos conscientes da importância de seu papel na história buscaram desmascarar situações de conflito e exclusão. Com isto, não só contribuíram para a conquista de maior visibilidade como sujeitos políticos perante esses movimentos e a sociedade como trilham um caminho próprio através da construção do movimento autônomo de mulheres negras.

Nesta reflexão pretendo resgatar aspectos do processo de organização

---

<sup>1</sup> Este título faz referência a dois momentos o III Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe realizado em Bertioiga/Brasil e o processo de organização das mulheres brasileiras (1994/95) rumo a Beijing IV Conferência Mundial sobre a Mulher.

<sup>2</sup> Frase formulada pelas mulheres negras no IV Encontro Feminista Latino americano e do Caribe San Bernardo/Argentina 1990.

das mulheres negras e da relação destas com o movimento feminista e sobretudo traçar algumas linhas gerais dos avanços e limites desta relação

## Diálogos com o movimento feminista

O movimento contemporâneo de mulheres negras emergiu no bojo da luta feminista e anti racista da década de 70<sup>3</sup>. Constatou-se que a presença mais organizada das mulheres negras no movimento feminista em nível nacional e continental a partir de 1985 tem colocado em cena novas questões. Ao longo dos anos foram realizados onze Encontros Nacionais Feministas (ENF) ocorrendo nos três últimos (Garanhus/87 Bertiooga/89 e Caldas Novas/91) o crescimento do número de participantes assim como a presença efetiva de setores que passam a ter interferência neste movimento como as mulheres dos movimentos sindical popular e negro. No âmbito da América Latina e Caribe essa mesma ampliação tem ocorrido a partir do terceiro (Bertiooga/85 Taxco/87 San Bernardo/90 e El Salvador/93) de um total de seis Encontros Feministas Latino americanos e do Caribe.

Foram muitas e repetidas vozes buscando desvendar o que se quer dizer com especificidade<sup>4</sup> quais os diferenciais entre as mulheres brancas e negras. Gonzales<sup>5</sup> demonstrou em alguns aspectos como a mulher negra é vista em nossa sociedade. Para nós o racismo constitui uma sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos de violência sobre a mulher negra ( ) O engendramento da mulata e da doméstica fez-se a partir da figura da mucama ( ) A doméstica nada mais é do que a mucama permitida a dar prestações de bens e serviços. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras de classe média ( ) Não adianta serem educadas ou estarem bem vestidas (afinal boa aparência como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria branca unicamente atribuível a brancas ou clarinhas.)

Buscou-se ainda questionar a prática do movimento feminista. Bairros<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Neste período o movimento feminista traz para o campo político questões consideradas da vida particular e privada como sexualidade livre orientação sexual creche relações familiares junto a outras questões como igualdade salarial acesso profissional políticas públicas de gênero representação política. O movimento negro através de seus vários polos de resistência reivindica melhores condições de vida denuncia o racismo e protesta contra a dificuldade de inserção no mercado de trabalho o desemprego a violência policial.

<sup>4</sup> O termo especificidade remete a um amplo campo de interpretações. Tem sido usado para designar entre outras a) a ideia do que é próprio a pertinência da opressão (p ex o que é próprio da mulher negra o caráter da opressão da mulher negra) b) a diferença dentro de um mesmo segmento (p ex a diferença entre mulheres brancas e negras ou entre homens negros e mulheres negras) c) a explicitação de um processo organizativo (p ex a organização específica das mulheres negras). No entanto a utilização do termo especificidade deve ser feita com cuidado para não estabelecer hierarquias como por exemplo a que coloca as lutas por melhores condições de vida (gerais) como mais importante que a luta das mulheres (específicas).

<sup>5</sup> GONZALES Leila Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira 1980 mimeo

<sup>6</sup> BAIROS Luiza Mulher Negra e Feminismo *Boletim do CIM* (Centro de Informação Mulher) São Paulo n 11 1988

aponta Quando a mulher negra percebe a especificidade de sua questão ela volta-se para o movimento feminista como uma forma de se armar de toda uma teoria que o feminismo vem construindo e da qual estavamos distanciadas. Nesta procura coloca-se um outro nível de dificuldade ( ) questões soavam estranhas fora de lugar na cabeça da mulher negra ( ) Falava-se na necessidade de a mulher pensar o próprio prazer, conhecer o corpo, mas reservava-se a mulher pobre, negra em sua maioria, apenas o direito de pensar na reivindicação da bica d'água.

No campo das análises das produções feministas Azerêdo<sup>7</sup> constata que no Brasil a questão racial permanece silenciada e nos Estados Unidos tem sido incorporada. Até hoje, entre nos feministas no Brasil, a questão racial tem geralmente ficado a cargo das mulheres pretas, como se apenas elas fossem marcadas pela raça. Sendo assim, afirma que é necessário começarmos a compreender que raça, assim como gênero, se constitui em relações de poder e, portanto, determina tanto a vida de mulheres e homens brancos como a de homens e mulheres pretos.

Estas reflexões tornam visíveis que os problemas em relação à incorporação da questão racial nas práticas e nas formulações teóricas do movimento feminista têm a ver com o racismo fortemente existente em nossa sociedade. As mulheres negras são vistas como cidadãs de segunda categoria, a referência às mulheres é feita como se estas fossem um sujeito genérico, a questão racial aparece como sendo de responsabilidade das mulheres negras. Pode-se dizer que numa sociedade em que a questão racial ainda é tabu, as conquistas do movimento feminista acabam por privilegiar as mulheres brancas, em detrimento das negras.

Neste balanço das relações estabelecidas entre as mulheres negras e o movimento feminista nestes últimos anos, é importante citar alguns fatos marcantes. Em especial, ações propositivas das mulheres negras, na busca de dar visibilidade à questão racial, em diversos campos.

No processo da III Conferência Mundial das Mulheres ocorrido em 1985 em Nairobi, o Conselho Estadual da Condição Feminina (SP) tomou a iniciativa de produzir um diagnóstico sobre a situação da mulher no país, incluindo o estudo *Mulher Negra*, de autoria de duas negras, Sueli Carneiro e Thereza Santos<sup>8</sup>. Este trabalho chamou a atenção para o caráter político e ideológico das diferenciações entre brancos e negros, homens e mulheres, e também entre as mulheres. Demonstra, com dados socioeconômicos, a realidade vivenciada pela população negra em geral e a mulher negra em particular, e ainda aponta caminhos para a superação dessas desigualdades. Por quase uma década, este estudo constituiu-se numa importante referência sobre a questão da mulher negra, seja para os movimentos, seja para a academia.

Neste período, destacou-se a presença de mulheres negras no Conselho Estadual da Condição Feminina (CECF/SP), através da Comissão da Mulher Negra, que possibilitou a produção de importantes trabalhos, denunciando a condição das mulheres negras. Em 1988, estruturou-se no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher a Coordenação do Programa da Mulher Negra.

---

<sup>7</sup> AZERÊDO, Sandra. Teorizando sobre Gênero e Relações Raciais. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, tomo 5, n.º especial, p. 203/16, 1994.

<sup>8</sup> CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. *Mulher Negra*. São Paulo: Nobel, CECF, 1985, p. 1-23.

No III Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe realizado em 1985 em Bertioxa/Brasil participaram 850 mulheres das quais 116 se declararam negras e mestiças. As mulheres negras de varios países debateram a tematica Racismo e Feminismo. Constatou-se pelos depoimentos das participantes que a dificuldade de tratamento da realidade vivida pelas mulheres negras e um traço comum.

Quando cheguei (no movimento de mulheres) me dei conta que meu problema de negra eu não poderia reivindicar. Tive que colocar-me em outra instância onde se tomava em consideração outra especificidade. Porém o que passa e que na Republica Dominicana e difícil encontrar um grupo de mulheres que enfoque a questão negra.<sup>9</sup> Em particular entre as brasileiras (brancas e negras) não havia sido construída ainda uma pratica de trabalho conjunto. Explicitaram-se diversas questões<sup>10</sup> quem e ou não feminista que cara tem ou deveria ter o movimento feminista brasileiro as possibilidades de aliança e rumos do movimento feminista.

O debate continuou nos periodos que se seguiram expressando-se através dos embates nos Encontros Nacionais Feministas.

O IX Encontro Nacional Feminista (ENF) ocorrido em 1987 em Garanhuns/PE foi mesclado por fortes pressões e criticas das mulheres negras em relação a ausência da questão racial na pauta. A partir de um intenso debate as mulheres negras decidiram pela realização do Encontro Nacional de Mulheres Negras.

No X ENF as mulheres negras afirmaram. Eramos aproximadamente 200 ( ) Com isso verificamos um crescimento da nossa participação. Estivemos nos varios espaços de discussão e vivências e realizamos um grupo de trabalho sobre o tema organização das mulheres negras e feminismo. Este grupo contou com aproximadamente 50 pessoas atingindo apenas mulheres negras quando a ideia inicial era de ser aberto a todas as interessadas.<sup>11</sup>

No XI ENF realizaram três oficinas que contribuíram para o aprofundamento dos debates não so das mulheres negras mas também de todas as interessadas. Um depoimento traz a percepção de uma mulher branca ( ) Saber de perto a realidade das mulheres negras a insegurança em que vivem devido a discriminação racial e ao mesmo tempo vê-las felizes apesar dos medos e da solidão foi uma referência muito importante.<sup>12</sup>

Os debates travados nesses Encontros foram bastante amplos e ricos. Entre formulações e propositos que constituiriam eixos para a ação do movimento feminista destacam-se a perspectiva de contribuir para a alteração da realidade de vida das mulheres a busca da conquista de um lugar digno e integro na

---

<sup>9</sup> Encontro Feminista Latino americano e do Caribe 3. Relatório Bertioxa 1985

<sup>10</sup> Houve o episodio da chegada de um ônibus vindo do Rio de Janeiro com mulheres negras de movimentos de bairro (favelas e periferia) e demais setores como partidos políticos as quais não haviam feito inscrição no Encontro e alegavam não ter dinheiro para fazer la. Estas alegavam ainda ter vindo para ficar. Instalou-se uma longa discussão entre o grupo organizador (composto em sua maioria de mulheres brancas) e as negras (as que estavam no ônibus e outras que envolveram-se no problema). Os conflitos estabelecidos configuraram-se pelas diferenças raciais mas também pelas questões sociais.

<sup>11</sup> Encontro Nacional Feminista X. Relatório Bertioxa 1989

<sup>12</sup> Encontro Nacional Feminista XI. Relatório Caldas Novas 1991

sociedade a construção da independência e autonomia desse movimento. Porém pelas dificuldades de lidar com a diversidade existente entre as mulheres (raciais, étnicas, de condições sociais, de geração, culturais etc.) e mesmo de ter uma visão mais ampla dos processos organizativos, corre-se o risco de reforçar a imagem da feminista como branca, de classe média, intelectualizada.

### **Organização das mulheres negras**

Em 1988 as mulheres negras deram impulso a construção de sua organização com fisionomia própria e caráter nacional, visando intensificar as reflexões e ações para o combate às opressões racial e de gênero. Este processo foi possível seja pelo aprendizado a partir da resistência de nossas ancestrais, seja pelo acúmulo das experiências anteriores daquelas mulheres negras e agrupamentos que se embrenharam neste processo atual de organização. Contou com a energia e as definições tiradas na participação no IX Encontro Nacional Feminista e acima de tudo das mobilizações em função do Centenário da Abolição da Escravatura<sup>13</sup>.

Um grande marco para tal iniciativa foi a realização do I Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN) ocorrido em 1988 em Valença (RJ) com a participação de 450 mulheres negras de 17 estados do país, de diferentes setores e experiências organizativas. Este evento foi precedido por encontros e seminários em vários estados, o que proporcionou não apenas a mobilização das mulheres negras, mas, acima de tudo, o aprofundamento do debate político.

Este I Encontro ocorreu em meio a muitas críticas por parte dos movimentos negro e feminista. As integrantes da organização responderam: "Todas nós, mulheres negras, devemos entender que somos fundamentais neste processo de transformação, reivindicando uma sociedade justa e igualitária onde todas as formas de discriminação sejam erradicadas." Gostaríamos de deixar claro que não é nossa intenção provocar um racha nos movimentos sociais, como alguns elementos acusam. Nosso objetivo é que nós, mulheres negras, comecemos a criar nossos próprios referenciais, deixando de olhar o mundo pela ótica do homem, tanto o negro quanto o branco, ou pela da mulher branca. O sentido da expressão "criar nossos próprios referenciais" é que queremos estar lado a lado com as(os) companheiras(os) na luta pela transformação social, queremos nos tornar porta-vozes de nossas próprias ideias e necessidades, enfim, queremos uma posição de igualdade nessa luta.<sup>14</sup>

Sob o título *Ecossistema do I Encontro Nacional de Mulheres Negras*, o Coletivo Nzinga de Mulheres Negras<sup>15</sup> publicou uma avaliação deste evento, com opiniões colhidas entre as participantes de diversos Estados. As opiniões vão no sentido de

---

<sup>13</sup> Em 1988 o Movimento Negro mobilizou-se em relação ao Centenário da Abolição, denunciou as reais condições de vida da população negra e trouxe ao público suas reivindicações. Este foi um momento oportuno para o fortalecimento da organização das mulheres negras.

<sup>14</sup> ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES. 1. *Boletim Informativo*. Rio de Janeiro, 1988.

<sup>15</sup> *Boletim Nzinga Informativo*. Rio de Janeiro, n. 5, ano IV, março, 1989.

reafirmar a importância da iniciativa como um salto na história de organização das mulheres negras brasileiras. Segundo síntese de Helena Maria de Souza: É necessário que o eixo central seja a mulher negra ( ). Discutimos a necessidade da nossa organização, nossa inserção nos movimentos políticos e sociais, a violência, o alcoolismo, a nossa ancestralidade africana. Mas optamos por falar também da sexualidade e do prazer. Aprendemos a trançar nossos cabelos, a envolver nossos corpos com alegres tecidos coloridos, confeccionar bonecas de pano, soltar o corpo no ritmo da dança e voltarmos a ser crianças, ouvindo as histórias que mães e avós nos contavam.

Ainda neste processo de avaliação deste I Encontro, Carneiro<sup>16</sup> aponta diversas perspectivas e concepções quanto à forma de organização das mulheres negras: a articulação ou subordinação à agenda do movimento negro, o caráter feminista com autonomia em relação ao movimento negro, a intrínseca articulação com uma determinada posição ideológica que entende esta organização como um aspecto da necessidade de organização dos diferentes setores sociais oprimidos, na perspectiva da luta de classes, a dupla militância no movimento negro e no feminista como forma de sensibilizá-los para o combate ao sexismo e ao racismo como elementos estruturantes na definição de um projeto de uma sociedade justa e igualitária, e como consequência desta dupla militância que é a organização independente de mulheres negras.

Pelas duas manifestações percebe-se a amplitude deste primeiro evento com uma ebulição de descobertas e opiniões que expressam diferentes perspectivas para o emergente Movimento de Mulheres Negras. Embora este I Encontro tenha tido como ponto central a questão da organização (Como estruturar o movimento? Por que caminho construir uma plataforma única? Como se relacionar com os demais movimentos?) possibilitou também debater temáticas importantes, muitas delas não reconhecidas por parte considerável das mulheres negras ali presentes como questões políticas: legalização do aborto, sexualidade, prazer, entre outras. Detectou-se a necessidade de aprofundamento do debate destas temáticas como foi o caso da legalização do aborto, questão aprovada por voto neste Encontro como prioridade de luta, embora até o presente momento não tenha sido possível formular ações conjuntas.

No período de 1988-1991 (anos de realização do I e II ENMN) houve uma mudança de atitude das mulheres negras em relação à organização e crescente mobilização em todo o país. Estruturaram-se grupos de mulheres negras, seja a partir de núcleos no interior do movimento negro ou feminista, seja de maneira autônoma (grupo formado apenas por mulheres negras com programas de trabalho próprios). Organizam-se Fóruns Estaduais de Mulheres Negras em quase todos os países.

O II Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN) realizou-se em 1991 em Salvador (BA), contou com a participação de 430 mulheres de 17 Estados do país e teve como tema principal Organização, Estratégias e Perspectivas.

A programação deste encontro procurou contemplar diversas necessi-

---

<sup>16</sup> CARNEIRO, Sueli. Projeto Nacional: a organização de mulheres negras e as perspectivas políticas. *Revista Cultura Vozes*, Rio de Janeiro, v. 84, n. 2, mar/abr 1990, p. 211-19.

dades através da montagem de painéis e mesas sobre os temas Histórico e Avaliação do Movimento de Mulheres Negras Mulher Negra e Poder Mulher Negra Procriação Exterminio de Crianças e Adolescentes Por que Mulher Negra? Além destes trabalhos em plenarias ocorreram paralelamente diversas oficinas e discussões sobre as experiências de trabalho das mulheres negras. Dentre as propostas aprovadas vê-se uma grande ênfase no processo organizativo indicando caminhos para a construção do III Encontro Nacional de Mulheres Negras e o fortalecimento dos Foruns Estaduais.

Este Encontro permitiu o aprofundamento de discussões iniciadas no I ENMN e a avaliação dos trabalhos. Mais uma vez os debates foram intensos demonstrando as diversas concepções políticas como consta no relatório final<sup>17</sup>. A nossa sociedade é plural racista e machista. Todas nós somos frutos desta estrutura social e educacional que nos conduz a práticas e ações às vezes determinadas por nossa formação. A organização de mulheres negras não está isenta destas interferências. Por isso não constituímos um grupo unitário tanto a nível de concepção política quanto de metodologias de trabalho.

Estas reflexões demonstraram as debilidades no processo de organização. Uma das dificuldades expressa-se no campo das representações políticas seja na construção dos encontros ou na estruturação deste movimento que pretende representar-se de maneira federativa a Comissão Nacional forma-se a partir de uma titular e uma suplente da maioria dos estados da federação. Esta forma no entanto não garante a diversidade das forças políticas que emergem neste processo agilidade nos encaminhamentos nem o fortalecimento do movimento nos estados que sediam os encontros pois este não tem autonomia quanto a organização do evento. Apresenta-se ainda a necessidade de definir-se a Comissão Nacional de Mulheres Negras constitui-se ou não representação das mulheres negras em nível nacional.

Uma das sugestões do II ENMN foi a de realização de Seminários Nacionais de Mulheres Negras precedido de seminários regionais ou estaduais para aprofundar a discussão dos rumos da organização de mulheres negras e dos encontros nacionais.

O I Seminário Nacional das Mulheres Negras realizado no período de 12 a 15/11/93 em Atibaia/SP contou com a presença de 48 mulheres de nove estados. Em linhas gerais duas questões foram muito importantes neste seminário. A primeira foi a possibilidade de reunir as mulheres negras que estiveram diretamente envolvidas com este emergente processo nacional para um debate mais direto dos desencontros e dificuldades do ponto de vista pessoal e político. A segunda foi o aprofundamento da discussão quanto a conceituação e ao caráter da organização das Mulheres Negras reafirmando a necessidade de criação de formas mais criativas de organização como por exemplo a estruturação de uma Rede Nacional de Mulheres Negras.

A partir das discussões realizadas nos dois Encontros Nacionais este seminário propiciou uma definição unificada quanto a concepção do Movimento de Mulheres Negras<sup>18</sup>. O movimento vem se constituindo a partir do cruzamento das

---

<sup>17</sup> ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES NEGRAS II Relatório Final Salvador 1991

<sup>18</sup> SEMINÁRIO NACIONAL DE MULHERES NEGRAS I Relatório Narrativo e Financeiro São Paulo 1993

questões de gênero raça e classe social Deve ser autônomo independente composto por mulheres de diferentes setores (por exemplo originarias de movimentos como negro sindical popular partidário) Deve estar articulado prioritariamente com o movimento negro e feminista na medida em que estes incorporem e apoiem a luta de mulheres negras mantendo sua especificidade

O II Seminário Nacional de Mulheres Negras Respostas Organizativas das Mulheres Negras no fim do Século realizado no período de 09 a 11/09/94 contou com a participação de 67 mulheres de diversos estados Objetivou debater os rumos do movimento e avaliar a última década da mulher sob a ótica da mulher negra Vários temas estiveram em discussão mulher negra racismo e relações de gênero inserção política nos movimentos negro e de mulheres sociais religiosos e partidários políticas públicas - habitação e direito a terra trabalho violência e discriminação

Em relação ao processo de organização houve a continuidade do debate sobre a construção da Rede Feminista de Mulheres Negras defendida por algumas das participantes como um instrumento capaz de estabelecer um relacionamento político e igualitário com os diferentes setores da sociedade reforçando os Fóruns Estaduais Constatou-se no entanto a impossibilidade de implementação dessa proposta pelo desconhecimento ou pelo ceticismo por parte de alguns setores nesta forma de organização Foi aprovada a proposta de uma Articulação Nacional de Mulheres Negras com estrutura e formato a serem definidos

Estes seminários cumpriram um importante papel o de detalhar e aprofundar debates que esboçam se há vários anos Porém foram pouco propositivos no sentido de contribuir para gestão de formas de operacionalização das definições

O acúmulo de discussão reflete a complexidade entre o ser mulher e o ser negra As bandeiras de luta para além da necessidade da conquista de melhores condições de vida e cidadania expressam a garantia de educação anti-racista e anti-sexista o desenvolvimento de programas de combate a violência sexista e racial a legalização do aborto e ainda a implantação de ações no serviço público de saúde como a introdução do quesito cor nos formulários de saúde a atenção a realidade específica da mulher negra no Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher - PAISM e medidas em relação a anemia falciforme a prevenção e tratamento de doenças de maior incidência na população negra como hipertensão e miomatose

As ações têm sido mais evidentes nas questões referentes a saúde da mulher e aos direitos reprodutivos realizando-se campanhas e intensas denúncias de esterilização<sup>19</sup> em massa de brasileiras e no combate a violência sexista e racial<sup>20</sup> que de maneira sutil ou visível promove a desqualificação e a exclusão

---

<sup>19</sup> Na década de 90 um dos setores que mais tem discutido a forma com que a esterilização tem se disseminado no Brasil e o movimento negro e de mulheres negras Existem no entanto diferentes posições duas das quais são bastante importantes uns consideram que a esterilização deve ser regulamentada e normatizada como forma de coibir os abusos e garantir a opção de escolha a mulher outros são contra a regulamentação e normatização alegando que poderia legitimar uma prática racista impondo-se ainda mais sobre a mulher negra

<sup>20</sup> As ações no campo da violência sexista e racial abrangem as condições de vida das mulheres negras mas também o extermínio de crianças e adolescentes a violência policial em relação a população negra entre outras



Essas bandeiras de luta têm sido discutidas por ocasião desses eventos nacionais a partir de experiências e trabalhos locais segundo a importância respectiva que assume cada reivindicação em determinadas conjunturas. O encaminhamento de trabalhos (campanhas, denúncias) tem sido feito de maneira mais direta por algumas entidades e grupos de mulheres negras nos estados. As iniciativas das entidades são da maior importância para o fortalecimento dos movimentos, no entanto, os espaços coletivos têm sido pouco eficazes para as respostas às demandas. Como os eventos nacionais são espaçados no tempo, torna-se necessário desenvolver formas mais eficazes e criativas de organização para a implementação de ações conjuntas.

Percebe-se por este levantamento uma elaboração de reflexões e definições, buscas de interlocução entre as mulheres negras e destas com a sociedade a partir de uma identidade com a questão racial e de gênero e da construção de um projeto político coletivo. As mulheres negras encontram-se sem dúvida muito mais fortalecidas para este arduo trabalho.

### **Processo preparatório à Conferência de Beijing**

É crescente na organização das mulheres negras a compreensão da necessidade de participação nos processos de articulação e intervenção da sociedade civil em nível mundial. A partir desta compreensão tem-se intensificado o esforço para viabilizar a presença nas Conferências Mundiais convocadas pela ONU a partir da década de 90, visando ampliar o debate sobre a questão racial.

Um exemplo desse esforço foi o envolvimento na preparação da V Conferência Mundial de População e Desenvolvimento - Cairo/94. Foi organizado por Geledes - Instituto da Mulher Negra, o Seminário Nacional de Políticas e Direitos Reprodutivos das Mulheres Negras, no período de 20 a 22 de agosto de 1993, contando com 45 participantes de 17 estados. Este seminário possibilitou a unificação das propostas em relação à temática - expressa na Declaração de Itapeverica da Serra das Mulheres Negras - que faz uma análise crítica do papel do Estado considerando que este tem se exercido basicamente no sentido de tratar a reprodução como questão pública e os meios de manutenção da vida - habitação, saúde, educação, alimentação e trabalho - como questão privada. Portanto, precisamos lutar para que a reprodução possa ser decidida no mundo do privado, cabendo ao Estado garantir os direitos reprodutivos e assegurar condições para a manutenção da vida. Neste sentido, declarou-se: ( ) Cabe ao Estado a tarefa de garantir as condições necessárias para que os brasileiros, as mulheres e em particular as mulheres negras possam exercer a sua sexualidade e os direitos reprodutivos, controlando a sua própria fecundidade, para ter ou não ter os filhos que desejam, garantindo acesso a serviços de saúde de boa qualidade de atenção à gravidez, ao parto e ao aborto. Foram estes os princípios apresentados ao governo brasileiro e na Conferência do Cairo.

No processo de preparação para a IV Conferência Mundial sobre a Mulher - Beijing 95, a participação das mulheres negras foi ampla, porém sem definição de estratégias próprias como movimento. As ações se deram através dos

Foruns Estaduais de Mulheres e da Articulação Nacional de Mulheres nas tarefas de organização e mobilização definição de prioridades e acima de tudo nos debates políticos que se travaram O objetivo foi integrar as avaliações reafirmando que o racismo e o machismo têm que ser tratados conjuntamente tanto para a definição de políticas contra as discriminações sociais como para a própria redefinição do conceito e da ação para a cidadania Como contribuição para a reflexão neste processo foi produzido o caderno *A Mulher Negra na Década a busca da autonomia*<sup>21</sup>

A participação no processo construído pelo movimento feminista e nos foruns oficiais foi decisiva para a incorporação da questão racial Varias mulheres negras cumpriram o papel de pressionar para o aprofundamento dos debates e também de contribuir e monitorar na elaboração dos relatórios

No Fórum de ONGs Preparatório para a IV Conferência da Mulher em Mar del Plata/ Argentina de 20 a 24 de setembro de 1994 foi organizado por Geledes Instituto da Mulher Negra o painel Mulheres Negras Latino americanas e Caribenhas - Balanço e Perspectivas para o III Milênio Este painel objetivou dar visibilidade a luta das mulheres negras no contexto da Conferência traçar uma visão sobre as diferentes formas de racismo e machismo e seu impacto na vida e na luta das mulheres negras latino americanas e caribenhas na luta pela conquista de sua cidadania e por fim intervir e pressionar governos e Chefes de Estado para que as demandas e reivindicações das mulheres negras fossem incorporadas aos documentos oficiais e paralelos no âmbito das políticas públicas

A realidade dos diversos países<sup>22</sup> da região e os resultados dos trabalhos foram organizados no documento *Propostas das Mulheres Negras Latino americanas e Caribenhas para Beijing* contendo 15 pontos que serviram como referência para as discussões e tomadas de posições das mulheres negras no processo de construção do Plano de Ação Regional e da Plataforma de Ação Destacam-se alguns aspectos desse documento o reconhecimento de que o continente Latino-Americano e Caribenho é formado por populações multirraciais e multiculturais e da diversidade protagônica das mulheres negras nos espaços onde decidem seus destinos a exigência de que os governos implementem políticas de desenvolvimento para saldar a dívida histórica contraída com nossas populações e especialmente que as mulheres negras sejam beneficiárias prioritárias a exigência de que se formulem e implementem estratégias apropriadas que assegurem as mulheres negras o direito de ter acesso a terra trabalho saúde moradia educação meio ambiente favorável e identidade diferenciada

A Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras realizada no Rio de Janeiro no período de 15 a 18 de junho de 1995 contou com 700 mulheres Foi significativa a presença de mulheres negras que tiveram sua intervenção destacada não mais apenas as reuniões para munir se de forças para denunciar a ausência

---

<sup>21</sup> OLIVEIRA Fatima RIBEIRO Matilde e SILVA Nilza Iraci *A Mulher Negra na Década a busca da autonomia Caderno Geledes 5* Sao Paulo 1995

<sup>22</sup> Participaram deste painel representantes de entidades dos seguintes países Brasil República Dominicana Honduras Cuba Haiti Costa Rica Porto Rico Barbados Nicaragua Venezuela Belize Equador Bolívia Peru Uruguai Argentina Estados Unidos Trinidad e Tobago Canada

de suas questões na pauta mas a busca de elaboração conjunta dando visibilidade a questão racial Não foi possível ainda uma avaliação final deste processo As opiniões vão no sentido de destacar avanços quanto a incorporação da questão racial e mesmo da qualidade da intervenção das mulheres negras Isto expressa-se nas reflexões e propostas da Declaração das Mulheres Brasileiras para a IV Conferência Mundial sobre a Mulher<sup>23</sup>

Na IV Conferência Mundial sobre a Mulher a intervenção das mulheres negras possibilitou ampliar a discussão sobre a questão racial em nível mundial Explicitou-se que o racismo manifesta-se com mais ou menos intensidade em todas as sociedades hierarquizando a relação entre as raças privilegiando a raça branca em detrimento das demais Considerou-se que o racismo não esta circunscrito a uma região ou cultura e um fator determinante da exclusão social

Embora com muitas tensões nesses debates a questão racial negra teve grande visibilidade envolvendo feministas brancas e negras no convencimento da necessidade de inclusão de propostas na Declaração Oficial visando o desmascaramento do racismo e a definição de uma plataforma de ação que tenha por base a conquista de plena cidadania a todos os povos

A tarefa que se coloca para o proximo periodo e a avaliação de todo este processo da Conferência de Beijing vinculando a as demais conferências Deve-se buscar evitar retrocessos no que diz respeito as conquistas das mulheres atraves do monitoramento e da luta pela implementação das politicas definidas

### **Ampliando os horizontes**

Dos anos 70 aos 90 mesmo com muitas dificuldades pode se perceber avanços no que diz respeito a relação das mulheres negras com o movimento feminista embora haja ainda um longo caminho a percorrer As criticas das mulheres negras consideradas a principio como radicais foram na verdade alavancas de mudanças para todas as pessoas envolvidas

No movimento feminista o canal formal de dialogo entre as mulheres negras e as brancas são os Encontros Feministas as redes tematicas os debates seminarios as articulações etc Da aridez e do emperramento do dialogo nos anos 70 que se traduziram no distanciamento entre as questões das negras e das brancas presentes nas formulações e conquistas deste movimento surgem novas perspectivas Embora as analises dos resultados dos processos historicos vivenciados pela população negra<sup>24</sup> não sejam absorvidas de maneira eficaz ampliam-se as possibilidades não apenas de dialogos mas tambem de parcerias e ações conjuntas

---

<sup>23</sup> Declaração das Mulheres Brasileiras para a IV Conferência Mundial sobre as Mulheres Rio de Janeiro 1995

<sup>24</sup> Cabe ressaltar que e extremamente importante considerar o marco da escravidão pois vivemos 500 anos de opressão e exploração a contar do descobrimento do Brasil Ha apenas 107 anos a população negra vive a condição de nao escrava deixando de ser institucionalmente propriedade dos brancos Sem retomar estes aspectos da historia não podemos entender a sub cidadania e exclusão impostas a população negra ate os dias de hoje tendo sua origem na escravidão e na forma como se deu a abolição

Parece que o movimento feminista tornou-se mais atento ou vigilante as ações das mulheres negras no sentido de qualificar seu discurso e prática incluindo a questão racial e étnica como importante na luta por democracia e cidadania. Pode-se dizer que as mulheres feministas negras e brancas não são mais as mesmas.

Nesta viagem pelo processo de organização das mulheres negras e pelos debates e diálogos travados com o movimento feminista, verifica-se que o saldo é bastante positivo. Na busca de um basta à invisibilidade, muitos são os desafios, muitos são os encontros e desencontros, muitas são as possibilidades. Torna-se importante alimentar a utopia de uma sociedade onde cabamos todas, com as nossas diferenças e semelhanças.